



GRUPO BRASILEIRO
DE PESQUISAS
SÁNDOR FERENCZI

Organizadores

Rita Hentz

Denise Salomão Goldfajn

Bartholomeu de Aguiar Vieira

Diane Viana

Renata Mello

PSICANÁLISE

Ferenczi

A arte da psicanálise

Blucher

FERENCZI

A arte da psicanálise

Organizadores

Rita Hentz

Denise Salomão Goldfajn

Bartholomeu de Aguiar Vieira

Diane Viana

Renata Mello

Ferenczi: a arte da psicanálise

© 2023 Rita Hentz, Denise Salomão Goldfajn, Bartholomeu de Aguiar Vieira,
Diane Viana e Renata Mello
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Jonas Eliakim

Preparação de texto Amanda Fabbro

Revisão de texto Bonie Santos

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora

Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferenczi : a arte da psicanálise / organizado por Rita
Hentz...[et al] – São Paulo : Blucher, 2023.

346 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-668-5

1. Psicanálise 2. Ferenczi, Sándor, 1873-1933

I. Hentz, Rita

23-3396

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

1. Quem foi Ferenczi? 15
Daniel Kupermann, Jô Gondar, Eugênio Canesin Dal Molin
2. *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*: sugestões para um percurso de leitura 25
Bartholomeu de Aguiar Vieira
3. Um retorno às *Fantasia provocadas: a atividade na técnica da associação* 35
Rita Hentz
4. *Adaptação da família à criança*: conversando com Ferenczi 45
Renata Mello
5. Por que falamos palavrões? 57
Denise Salomão Goldfajn

6. Psicanálise e pedagogia – um prólogo das grandes intuições psicanalíticas de Sándor Ferenczi 67
Gustavo Dean-Gomes
7. *Do alcance da ejaculação precoce*: um estudo sobre o primeiro artigo psicanalítico de Ferenczi 79
Flora Tucci
8. Em busca do trauma perdido: viagens à Terra de um Pequeno Homem-Galo 91
Cassandra Pereira França
9. Hospitalidade e pulsão de morte 101
Fábio Belo
10. *Consulta médica* – uma entrevista com Sándor Ferenczi 111
Diane Viana
11. Uma leitura de *Perspectivas da psicanálise*, de Ferenczi e Rank 123
Marcelo Wanderley Bouwman
12. Conversando sobre os *Sintomas transitórios* 135
Eliana Schueler Reis
13. Alguns comentários sobre *Reflexões psicanalíticas sobre os tiques* 145
Julio Verztman
14. Uma leitura sobre *A elasticidade da técnica psicanalítica* 157
Clarice Tesch

15. Os limites da objetividade: reflexões decorrentes da leitura crítica de *O problema da afirmação do desprazer – progressos no conhecimento do sentido de realidade* 165
Alexandre Abranches Jordão
16. Uma leitura do texto *Transferência e introjeção* 177
Maria Manuela Assunção Moreno
17. Apresentando o texto *Análises de crianças com adultos* 189
Daniela Romão-Dias
18. *Confusão de língua entre os adultos e a criança: Ferenczi com Deleuze e Guattari* 201
Auterives Maciel Júnior
19. Uma leitura sobre *O problema do fim da análise* 211
Fernanda Pacheco-Ferreira
20. Sobre o caso Elizabeth Severn, a contratransferência e o *Diário clínico* 221
Lizana Dallazen
21. Ferenczi, um incansável analista 233
Maria Nilza Mendes Campos
22. *Reflexões sobre o trauma. Contribuições de Sándor Ferenczi à clínica atual* 243
Júlia Catani

23. A economia do sofrimento e o <i>Princípio de relaxamento e neocatarse</i>	253
Fernanda Freitas	
24. O estado da arte da clínica de Ferenczi	263
Priscila Frehse-Pereira	
25. Conversando sobre <i>O bebê sábio</i>	275
Anette Blaya Luz	
26. Melancolias dominicais: apontamentos antropofágicos às <i>Neuroses do domingo</i>	285
Ângelo Giuseppe Xavier Lima	
27. Uma ampliação sobre o conceito de identificação a partir do <i>Diário clínico</i>	295
André Avelar	
28. <i>Thalassa</i> : uma nova cartografia da teoria da genitalidade	307
Hélia Borges	
29. Notas póstumas de Ferenczi sobre traumatismo e seu tratamento	317
Daniel Delouya	
30. Ferenczi entre os jovens analistas	327
Daniel Kupermann, Eric Romero, Eugênio Canesin Dal Molin, Fernanda Fazzio, Gilberto Souza, Jô Gondar	
Sobre os autores	339

1. Quem foi Ferenczi?

Daniel Kupermann

Jô Gondar

Eugênio Canesin Dal Molin

Episódio de estreia transmitido em 13 de maio 2021

Daniel Kupermann: Estamos aqui para falar do psicanalista Sándor Ferenczi, Jô Gondar, que é psicanalista e vice-presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, Eugênio Canesin Dal Molin, psicanalista e membro do conselho executivo do grupo, e eu mesmo, Daniel Kupermann, psicanalista e presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. Jô, você poderia falar para os nossos ouvintes sobre quem foi Ferenczi?

Jô Gondar: Vamos lá, Daniel! Ferenczi nasceu em 1873, em Budapeste, e morreu em 1933. Ele era filho de uma família de judeus poloneses que foram para a Hungria. Foi um psicanalista de primeira geração, quer dizer, ele conviveu muito com Freud, e foi, durante muitos anos, o discípulo mais próximo de Freud. Mas eles eram muito diferentes, porque, apesar de serem contemporâneos, o contexto dos dois era muito diferente. Freud vivia em Viena, Ferenczi em Budapeste, sob o mesmo império, o império austro-húngaro. Mas esse império, na prática, era mais austro do que húngaro. Quer dizer, Budapeste e toda a Hungria estava subordinada ao poder da Áustria, ao poder econômico, ao idioma alemão, à cultura alemã. Isso não era muita questão para Freud, porque ele vivia em Viena, mas para Ferenczi era um problema, porque ele vivia em Budapeste. Sua família era de ativistas políticos e, como a maior parte dos intelectuais húngaros, ele participava das lutas pela libertação da Hungria, o que dá um caráter muito particular inclusive para a entrada da psicanálise no país. Até a Primeira Guerra Mundial, os húngaros tinham que falar alemão: na rua, no comércio, nas universidades, nos contratos. Mas na intimidade, quando eles brigavam, quando eles amavam, quando eles se emocionavam, eles falavam em húngaro. O magyar era a língua da intimidade. Quando a psicanálise entra na Hungria, as sessões se fazem em húngaro, não em alemão. O húngaro era, nesse momento – e a psicanálise feita em húngaro era também alguma coisa muito afetiva –, alguma coisa da intimidade e, ao mesmo tempo, uma forma de uma resistência política. Acredito que é por isso que na Hungria a resistência política e os afetos são uma parte muito importante da psicanálise, e são muito importantes para Ferenczi, como se fossem dimensões inseparáveis nele. Freud e Ferenczi tem desejos diferentes também em relação à psicanálise. Porque Freud era um pesquisador genial, que estava construindo um campo de saber, ele queria reconhecimento científico para seu trabalho, mas Ferenczi era um ativista político e

era também um terapeuta muito sensível para os jogos de poder, para o sofrimento das pessoas. Ele era, sobretudo, um clínico, mais do que um pesquisador e tinha sempre uma afinidade com esse lado mais frágil da corda, em qualquer relação em que esse lado mais frágil estivesse – nas relações políticas, entre crianças e adultos, entre pacientes e analistas, entre heterossexuais e homossexuais. Sempre foi alguém afinado com as minorias, podemos dizer que ele fazia uma clínica minoritária desde o início. Talvez por isso, e por todas as modificações que fez, como os questionamentos à psicanálise por conta das relações de poder, Ferenczi foi considerado o *enfant terrible* da psicanálise. Mas ele já era um *enfant terrible*, mesmo antes, quando ainda era psiquiatra, antes do encontro com Freud, antes de entrar na psicanálise – já era alguém que se interessava em ouvir as prostitutas, em ouvir os dissidentes de todo tipo. Em 1905, Ferenczi propôs a criação de um comitê de defesa dos homossexuais e se tornou correspondente, na Hungria, desse comitê de defesa. Quer dizer, sempre foi alguém que esteve muito atento a todos minoritários, tanto que seu primeiro texto, sua entrada na psicanálise, seu cartão de visitas, é um texto sobre a ejaculação precoce, mas do ponto de vista da mulher, discutindo como as mulheres sofriam com a ejaculação precoce dos homens nessa época. Então, Ferenczi e Freud, apesar de terem esse convívio muito forte, tinham diferenças importantes, marcantes, e eu acho que a diferença, talvez a principal e a que deu margem a uma dissidência entre eles, foi relativa a uma concepção de trauma. E aí eu acho que o Eugênio pode falar melhor.

Eugênio Canesin Dal Molin: Obrigado, Jô. Bom, alguns pontos fundamentais para entender essa diferença ou, melhor dizendo, o ponto fundamental para entender essa diferença diz respeito à observação sobre como a experiência clínica confronta o psicanalista com uma série de narrativas de situações que podem (ou poderão) ser avaliadas como sendo da ordem da realidade material ou da fantasia. Isso fica muito evidente quando Ferenczi vai trabalhar um

paradigma para o desenvolvimento da teoria dele sobre o trauma, que é a questão do abuso sexual infantil. Freud, em determinado momento, deu importância etiológica central para as situações reais de violência contra as crianças. Pouco depois, em um movimento, a meu ver, necessário para desenvolvimento da teoria psicanalítica no início, ele sopesou essa centralidade e terminou por dar um peso etiológico maior à fantasia na causação das neuroses. Parte da mudança de cálculo etiológico era efeito de uma “resistência”: as experiências sexuais precoces, em sua grande maioria, haviam acontecido no seio da família, eram de caráter incestuoso. Ouvindo pacientes que tinham experimentado situações dessa natureza, no final dos anos 1920, Ferenczi não estava completamente convencido de que nessa balança a fantasia tinha, de fato, um peso tão maior do que as experiências reais de violência. Ao contrário, ele vai colocar, paulatinamente, um peso cada vez maior nas experiências de natureza real que aconteceram no encontro entre adultos e crianças. O resultado disso é uma concepção que valoriza sobremaneira – e me parece de uma forma correta –, a noção de trauma em seus últimos trabalhos. A ideia de trauma ocupa-o durante toda a sua obra, mas, no final, é um tema onipresente.

Ainda pensando no paradigma do abuso sexual infantil, Ferenczi se dá conta de que o que constitui o trauma nessa experiência não é só o encontro violento, a confusão, a situação de violência em si. Essa situação, é verdade, gera, na opinião dele, choque, comoção. Mas a característica traumática do episódio não se fecha aí. Ferenczi nota, a partir do que dizem os pacientes, naquilo que experimenta no encontro com os pacientes, que, após a experiência de choque inicial, existe uma outra tão central quanto a primeira. No paradigma das situações de violência sexual, essa outra experiência ocorre no momento que a criança busca uma outra figura de confiança, um segundo adulto, e tenta contar, comunicar o sofrimento que experimentou, o desprazer, a aflição, a experiência que teve. Mas esse

segundo adulto – uma figura, até então, de confiança – invalida a experiência, a desacredita, ou ainda, para usar a expressão que a certa altura Ferenczi usa para falar sobre o assunto, diz que “não foi nada, que soldados aguentam”, que o sofrimento é “mimimi”, como se diz hoje, ou ainda, que o experimentado não teve importância. Resultado: ao primeiro choque se soma um segundo, que é invalidante e que diz respeito a uma experiência radical de abandono. Essa experiência e a constatação de sua repetição na transferência mudam, em boa medida, o tom da clínica de Ferenczi, e, conseqüentemente, dos analistas que se inspiram no estilo de clínica que ele desenvolve a partir dessa centralização da noção de trauma. Acho que o Daniel pode nos falar um pouco sobre o estilo clínico do Ferenczi.

Daniel Kupermann: Falo sim, Eugênio, porque essa questão do trauma é muito central para o que Ferenczi irá desenvolver como um estilo clínico bastante inédito e criativo. Na verdade, podemos até dizer que essa é uma das grandes contribuições de Ferenczi para a psicanálise pós-freudiana e para psicanálise contemporânea: uma clínica que leva em consideração o evento traumático. Porque, a partir disso que o Eugênio destacou, uma vez que o trauma não é simplesmente uma experiência de violação, de violência, mas também uma experiência de desmentido, de não encontrar a quem dirigir o testemunho da dor provocada pela violação, Ferenczi percebeu que a clínica psicanalítica tem um potencial traumático se não for exercida de uma maneira sensível. Ou seja, o analista, mesmo que não seja a sua intenção, caso se refugie, caso se proteja demais do encontro clínico – por um apego muito rígido à técnica, à neutralidade, à abstinência, alguns dos princípios que regiam a técnica freudiana –, será um traumatizador. À revelia, mas será. Essa reflexão ocupa um espaço muito central no pensamento de Ferenczi e – na verdade, é muito bonito acompanhar isso – a partir de 1919, ele desenvolve alguma coisa que já estava presente em Freud, no

campo psicanalítico, que ficou conhecida como técnica ativa. Era uma maneira de tentar solucionar impasses da clínica psicanalítica da primeira tópica, impasses dos quais Freud já se dava conta em 1914, com todos os problemas que o Freud encontrou acerca da transferência. A técnica ativa pressupunha que o analista pudesse dar algumas ordens, ou proibições, de modo que o *setting* ficasse mais atravessado pela tensão, por uma excitação psíquica, que fizesse a associação livre, voltar a ser produtiva para o paciente. O que Ferenczi percebeu após alguns anos é que esse tipo de procedimento, que a gente pode considerar um procedimento um tanto intrusivo do psicanalista, de um psicanalista excessivamente presente de um modo ativo, acabou reproduzindo muito fielmente a relação entre adultos e crianças, a relação entre professores e alunos, entre pais e filhos, e, conseqüentemente, as relações potencialmente traumáticas. Isso fez, então, com que o Ferenczi promovesse uma virada espetacular em 1928, quando ele publica dois textos, um chamado “Adaptação da família à criança”, onde volta a dar destaque para a questão ambiental, para questão desse ambiente no qual a criança chega e do modo como ela é recebida, do modo como ela é acolhida e, conseqüentemente, para as falhas ambientais como causadoras de traumas. E depois, ele pensa que a própria clínica psicanalítica deveria se adaptar às necessidades dos pacientes, sobretudo dos pacientes mais comprometidos, os que apresentavam uma modalidade de sofrimento diferente da neurose.

O segundo texto célebre na história da psicanálise é *Elasticidade da técnica psicanalítica*, onde ele propõe o que a gente pode chamar de um estilo empático na psicanálise. Esse estilo empático influenciou uma série de autores; podemos lembrar principalmente de Winnicott, que é bastante conhecido no Brasil e que se inspirou muito nisso que Ferenczi apresenta como o trabalho de um analista que possa não apenas escutar o recalcado no seu analisante e interpretar esse recalcado, mas estar presente com a sua sensibilidade no *setting*.

Isso faz com que a psicanálise seja aproximada de uma ética do cuidado, que inspirou tantos psicanalistas depois de Ferenczi. Para concluir esse comentário sobre o estilo clínico de Ferenczi, existem duas figuras que marcaram muito o pensamento dele e que também foram muito inspiradoras para os psicanalistas pós-Ferenczi. A primeira figura é a da regressão na clínica; e a segunda figura é a do jogo compartilhado, ou mesmo do que Winnicott chamou de “brincar”. Acho que a partir daí a gente poderia falar um pouco sobre a influência de Ferenczi nos psicanalistas contemporâneos e da atualidade do seu pensamento.

Jô Gondar: Pois é, Daniel, por que um analista que morreu em 1933 é tão atual e tem sido tão lido atualmente? Ferenczi tinha um tipo de sensibilidade e um modo de pensar que estão sendo muito requeridos na psicanálise atualmente. Ele tinha uma atualidade tanto epistemológica quanto política, e quanto clínica. Uma atualidade epistemológica porque a maneira dele pensar era sempre uma maneira de transpor fronteiras. Ferenczi não gostava dos purismos, gostava das misturas, então, é como se praticasse, muito antes dessa ideia ser divulgada, dessa ideia aparecer, a transdisciplinaridade. Ele propôs, por exemplo, em *Thalassa*, uma conjunção entre psicanálise e biologia. Propôs conceitos como utraquismo, anfimixia, símbolo orgânico, materialização histórica. Na clínica, propôs o “sentir com”, que não deixa de ser uma possibilidade, também de mistura. E seu modo de encarar a clínica tem uma atualidade política se pensarmos a questão do desmentido não restrita à indivíduos, a personagens, porque o desmentido como ele propõe é, sobretudo, um desmentido no plano das relações, são relações de poder; é sempre uma instância de poder que vai desmentir, que vai desautorizar alguém que é mais vulnerável. Nesse sentido, podemos usar o desmentido para pensar o plano social, o plano político, e isso dá uma atualidade muito grande às ideias de Ferenczi; e também o plano psicanalítico, a questão do analista desmentindo os afetos, o

modo de sofrimento de um paciente. Tem uma atualidade clínica também, não é Eugênio, do Ferenczi?

Eugênio Canesin Dal Molin: Sim, Jô. E acho que isso acontece por alguns dos motivos que o Daniel elencou, ou seja, uma certa percepção de que determinado tipo de paciente, para falar nesses termos, precisa e demanda não só uma adaptação clínica maior, mas também recursos teóricos de outra ordem que aqueles que compariam até então na clínica. Já no final dos anos 1920, no começo da década de 1930, também a preocupação de Ferenczi se volta aos pacientes em que o recalque talvez não seja o principal mecanismo de defesa, em que, sem dúvida, não é o único mecanismo de defesa utilizado; pacientes em cuja formação psíquica incidiram situações muito precoces de traumatização, de abandono, de falha no encontro com o meio em que estavam. O desenvolvimento de uma teoria que permita pensar em como melhor atender esses casos graves, difíceis, acaba trazendo consequências teóricas bastante importantes, atuais. Boa parte da psicanálise contemporânea se concentra no atendimento e na tentativa de compreender esses tipos de caso, que demandam muito do analista – não demandam mais, mas fazem uma exigência em termos transferenciais – contratransferenciais bastante intensa, de convocação de afetos, de movimentação e mudança da posição analítica. Nesses casos, que serão chamados por outros autores de “não neurose”, Ferenczi identifica a presença de um mecanismo específico, que é a clivagem.

Jô Gondar: Isso, Eugênio, a clivagem é um mecanismo diferente do recalque, mecanismo próprio da neurose. Na clivagem, a questão não é enviar uma ideia inconciliável para o inconsciente, porque ela não combina com a imagem que você tem de si mesmo. Na clivagem, é o Eu que se divide, e às vezes até se pulveriza, porque é um choque tão grande, que é como se o seu Eu ficasse, como se ele se transformasse num saco de farinha. Não é possível recalcar porque não se

tem uma representação do trauma, aquilo fica impresso no seu corpo, e é por isso que o corpo é tão importante nesses casos. Percebemos o brilho no olho, os gestos, a atmosfera, percebemos os movimentos, porque o trauma nunca vai aparecer pela palavra, quer dizer, quando o sujeito tem mais clivagem do que recalque, você deve estar muito atento às manifestações corporais. Ferenczi prestava muita atenção nisso.

Eugênio Canesin Dal Molin: Também há contribuições, me parece, para pensar o Brasil hoje, trazendo isso um pouco para o nosso quintal, não é, Daniel?

Daniel Kupermann: Eugênio, isso que você falou fez com que o André Green dissesse que o Ferenczi é o pai da psicanálise moderna, no que se refere à presença da contratransferência na clínica, porque o analista tem que participar desse trabalho de transformação do sofrimento psíquico em potência expansiva. No que concerne a traumas sociais e políticos, podemos dizer que Ferenczi é uma espécie de precursor da psicanálise contemporânea, porque, justamente essa teoria do trauma tão sofisticada, aponta não apenas um agressor, quer dizer, aquele que comete a violência, mas dois, no sentido daquele que se recusa a testemunhar a dor de alguém que se encontra em estado de vulnerabilidade, que se encontra vítima de violências sociais e políticas. Isso nos ajuda a pensar uma série de questões que dizem respeito ao mundo contemporâneo, mas ao Brasil em particular. O Brasil é um país com uma enorme desigualdade e onde nós tradicionalmente assistimos ao fato de que algumas vidas parecem valer mais do que outras, um país de muita segregação. Só para citar três problemas extremamente importantes, nós temos uma violência institucional policial enorme, que atinge principalmente jovens pretos; nós temos, evidentemente, um racismo que mais recentemente vem sendo discutido e vem ganhando a justa apreciação, um racismo que divide o país junto com uma

desigualdade econômica e cultural; e nós temos, para citar o nosso momento de pandemia, um discurso negacionista por parte do Estado. A teoria do trauma nos ajuda a entender que esse discurso negacionista deixa as pessoas extremamente desorientadas, elas vivem uma espécie de confusão de línguas; o discurso da ciência de um lado, o discurso religioso de outro, o discurso governamental de outro, e nós acabamos vivendo uma situação em que fica cada um por si. Isso produz muito desamparo e, mais que desamparo, produz um verdadeiro abandono traumático. A partir do que Jô Gondar, Eugênio Canesin Dal Molin e eu mesmo conversamos hoje, espero que tenhamos dado, de alguma maneira, um retrato inicial, uma espécie de introdução para o nosso ouvinte/leitor acerca de quem foi Ferenczi e quais foram as suas principais contribuições à psicanálise. Nos últimos três anos, no Brasil, nós tivemos a formação do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, que vem se dedicando justamente a isso: transmitir uma psicanálise que não seja psicanálise de uma única língua ou um único pensamento, mas justamente, resgatando as inspirações de Ferenczi, uma psicanálise mais afinada com os desafios que nós encontramos hoje para praticar a clínica, e também para pensar a nossa atualidade.

2. *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios: sugestões para um percurso de leitura*

Bartholomeu de Aguiar Vieira

Episódio transmitido em 20 de maio de 2021

O conteúdo a seguir é a transcrição, com leves modificações, de uma fala minha a respeito do texto *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (Ferenczi, 1913/2011).

Há diversas considerações que a gente pode fazer sobre esse texto e talvez uma primeira e fundamental seja a respeito de um dos seus motes. Nele, cada vez que damos um passo em direção à realidade, alguma coisa do ambiente realiza uma espécie de cuidado

que garante a manutenção de um tipo de onipotência que pode ser vivida como uma ilusão e que garante esse movimento progrediente da vida. Ao mesmo tempo em que temos movimentos que progridem em direção à realidade, temos também um movimento regressivo, que nos leva a estados anteriores.

Então, numa primeira concepção, para a gente entender o que é esse texto de Ferenczi, vamos pensar em forças que progridem e em forças que regredem. Forças que progridem em direção à realidade e forças que regredem em direção à onipotência. Basicamente, o texto argumenta com esses dois polos, e, certamente, a escolha deles não é à toa. O autor trabalha em diálogo com Freud, que já havia pensado os princípios de funcionamento do psiquismo enquanto princípio de prazer e princípio de realidade. A questão que Ferenczi acrescenta aqui é o fato de existirem etapas nesse desenvolvimento – Freud havia apenas considerado dois momentos, enquanto Ferenczi coloca questões no intermédio dos dois, e é nisso que esse texto vai se pautar.

Logicamente, existem outros elementos que estão em jogo quando a gente pensa esse texto. Por exemplo: ele é brevemente anterior à publicação que Freud faz do texto sobre narcisismo – narcisismo que, nessa época, ainda era um elemento bastante selvagem. E isso quer dizer o quê? Que não era claro como diante das interpretações de um psicanalista (muitas vezes acertadas e precisas), um paciente regredia e voltava a momentos anteriores, enquanto a expectativa, na análise, é de que o paciente, após uma interpretação, desconstrua os seus mecanismos de defesa, passe a fazer novas associações e, enfim, progredir com o seu tratamento.

Agora, retomando o que seriam essas etapas do desenvolvimento, Ferenczi vai categorizar quatro momentos. Primeiro, nós temos um momento de onipotência *incondicional*, depois, um momento de onipotência *alucinatória*, seguido de um movimento de onipotência

com ajuda de *gestos mágicos*, e, finalmente, o uso das *palavras mágicas*. Percebam que os quatro momentos envolvem alguma relação com a onipotência. Nos três primeiros, a palavra “onipotência” está explícita; no quarto, a gente observa, quando ele fala “palavras mágicas”, que também estamos diante de alguma relação com o que é a ideia de onipotência. Isso é importante para pensarmos que Ferenczi não abandona, não deixa para lá ou ignora a importância que tem a onipotência, os estados de onipotência e o que ela vem a trazer para um sujeito no que diz respeito ao seu desenvolvimento – desenvolvimento que vemos indo de um império do princípio de prazer até o desenvolvimento do que seria o órgão de realidade.

Mais uma vez, a gente precisa dar um passo para trás para entender do que se trata esse desenvolvimento do órgão de realidade e o que é esse império do prazer. Podemos pensar que Ferenczi, ao comentar sobre a onipotência, está articulando o que são desejos e o que são necessidades. Nesse texto, Ferenczi sempre está trazendo para a gente articulações binomiais quando ele escolhe seus termos. Por exemplo, quando ele fala sobre necessidade, a gente deve levar em consideração que elas são imperiosas, não é? Que elas são da ordem, justamente como a palavra diz, das coisas necessárias à sobrevivência, assim como também são prisões. Ferenczi vai falar sobre o sujeito que se torna escravo das suas pulsões irreprimíveis. Isso é bastante importante para articular o que é um desses outros *clusters* (agrupamentos) que estão aqui no texto, que é a questão com o desejo. O que seria “desejo” para Ferenczi, então?

Para podermos falar sobre desejo, é muito importante começar a olhar o que são as tais fases de desenvolvimento. A primeira delas, como eu havia mencionado, a da onipotência incondicional, é um momento de absoluta saciedade. Aqui, Ferenczi está falando do bebê que está dentro do útero de sua mãe; ele está falando de um momento em que, supostamente, existe a saciedade pura, em que não existe

um desejo verdadeiro e subjetivo do bebê. Esse desejo subjetivo só poderia acontecer num momento bastante posterior, depois do nascimento, quando o bebê consegue mergulhar introspectivamente nele mesmo e viver o narcisismo primário próprio.

No momento primário e uterino de que estamos falando, anterior ao do narcisismo subjetivo, o que acontece, num estado de saciedade plena, nesse estado em que o bebê tem as suas necessidades de alimentação, as suas necessidades de oxigenação, as suas necessidades de temperatura e de regulação garantidas, tudo o que existe aí é a “volúpia sensual”. São momentos em que não resta nada a desejar. O bebê não precisa desejar nada. Não se trata, todavia, de um momento de onipotência defensiva, é apenas um estado em que o bebê tem garantidas todas as suas necessidades. Isso criará nele alguns traços mnêmicos, que, após o nascimento, poderão e deverão ser resgatados.

Vejam aqui que o nascimento é visto por Ferenczi também de uma maneira dúplice. É um momento de grande desenvolvimento, em que o bebê tem tudo que é necessário para nascer, e a natureza cumpriu seus expedientes – sendo possível, para o bebê nascer, por estar pronto para isso –, mas também é um momento relativamente melancólico, porque o bebê já perdeu alguma coisa. Ele perdeu as garantias de sobrevivência. É claro, ele não sabe ainda que ele perdeu isso, mas ele expressa frustrações quando está desregulado de suas necessidades, que devem ser atendidas pelo ambiente.

Temos aqui outro importante *cluster* dentro do texto, que é o lugar da frustração. Frustração que Ferenczi vai chamar de “desprazer”. A ideia do desprazer será trabalhada em inúmeros outros momentos pelo autor, mas, para a gente, o que interessa é ver que o desprazer é um degrau para o desenvolvimento do contato com a realidade. É claro que isso só vai acontecer de uma maneira saudável quando a resultante desse confronto, desse encontro, desse

choque que é o desprazer de um lado e ambiente do outro, puder garantir para o bebê cuidados fundamentais para que ele se desenvolva. Existe aí uma correlação entre o que é a subjetividade do bebê e o que é o cuidado ambiental. O somatório dessas duas coisas, no bom caso, leva aos desenvolvimentos do sentido de realidade e à boa adaptação e bom uso da onipotência.

Mais uma coisa importante para agregarmos aqui é esse outro *cluster* que é a ideia de desenvolvimento. A gente pode ter um desenvolvimento que tenha uma adaptação saudável ou uma adaptação não saudável. O sujeito que fica submetido aos imperativos apenas da realidade é tão sofrente quanto aquele que se submete aos imperativos do prazer. A equação saudável de um sujeito permite uma espécie de permutação entre o contato com a realidade e com momentos de onipotência, que sejam razoáveis ao eventual momento que está sendo vivido.

Muito já foi falado sobre esse período inicial, antes do nascimento, de onipotência incondicional, mas, agora, nós já temos um bebê que nasceu e que é obrigado a estar em contato com um mundo que não garante a sua saciedade. O que esse bebê vai ter como recurso? Ele vai ter o uso de uma onipotência alucinatória. Freud (1895[1950]) já fez alguns comentários importantes a respeito do que é o uso da alucinação, tanto nos quadros de patologia (em que a alucinação aparece na psicose) quanto nos quadros da saúde do bebê, que também é psicótico. Psicótico na medida em que o principal recurso que ele tem é o reinvestimento alucinatório naqueles estados de júbilo que foram perdidos. Ou seja, o bebê, diante da falta e do desprazer que tem por não ter, por exemplo, a sua necessidade de alimentação suprida, cria o seio ao sugar o dedo. Essa ideia é freudiana. O que Ferenczi acrescenta a essa história é que, em alguns desses momentos, quando o bebê usa desses expedientes alucinatórios, ele também transmite algumas mensagens para o

ambiente, que capta, de algum modo, por uma espécie de transmissão ou por uma espécie de “adivinhação” – como diz o autor –, o que está acontecendo dentro do bebê, qual é a necessidade dele. De certo modo, o ambiente cuida do bebê.

Do ponto de vista do bebê, não há relação de causa e efeito entre a alucinação que ele tem (a produção de júbilo que ele está resgatando) do momento anterior, do cuidado que ele recebeu: ele só percebe a sua necessidade sendo satisfeita. Então, se a gente soma essas coisas, o que a gente encontra, do ponto de vista do bebê, é o estado de criação alucinatoria. O bebê ainda se sente absolutamente onipotente diante de desprazeres e frustrações que também se impõem. De uma maneira bastante complexa, começa a ser criado um espaço de *dentro* e de *fora*, onde, o que está fora, necessariamente, é o desprazeroso, o frustrador; e aquilo que está dentro do bebê é o que ele consegue garantir com uma experiência boa. Vemos aqui como as primeiras experiências com o que é “não eu”, com a alteridade, são imbuídas de uma espécie de penumbra de maldade. O mal está fora, e isso cria uma modalidade primeira de relação com o mundo que é paranoide. Desenvolver a sequência dessas ideias exigiria uma extrapolação do que é o texto do desenvolvimento de sentido de realidade, e esse não é o nosso caso agora. Devemos, então, ir seguindo esse percurso do que são as etapas de desenvolvimento, avançar um pouco mais e olhar o que vem na sequência.

Na sequência, vem a fase da onipotência com ajuda de gestos *mágicos*. E do que se trataria esse terceiro momento? No momento anterior, a gente foi capaz de perceber que o bebê expressa coisas das suas necessidades, o que começa a se transformar na formação de um desejo através dos seus gestos; agora, esses sinais vão começar a se tornar especializados. Muito interessante e importante de notar aqui é um dos outros *clusters* que está no texto e que necessita de algum desenvolvimento: o bebê começa a fazer uma imitação do

mundo. Ele começa a ter uma percepção das coisas de que ele precisa, ele internaliza o que são essas coisas e faz certos gestos que representam as suas necessidades. Ele faz um movimento com a boca, como quem está sugando o seio, começa a transmitir para o outro, começa a ter a experiência de criação do que é esse seio de que ele está precisando e que ele está querendo.

O bebê começa a entender o que é esse outro. Começa a se tornar algo semelhante a ele, mas mantendo uma diferença através de gesticulações próprias. Esse é um momento bastante importante de diferenciação do Eu e do Outro, tanto porque, em termos do desenvolvimento, o sujeito começa a ter maior complexidade nas suas necessidades, como por que o ambiente também começa a fracassar nos processos de adivinhação. O que se quer dizer com isso? É aquilo que foi desenvolvido por Winnicott (1971/1975) sobre o momento em que a mãe começa a sair daqueles estados psicóticos regressivos importantes para um tipo de contato inicial entre ela e o bebê. Então, esse *gap* começa a se expandir um pouco mais, a fase de maior mistura entre o bebê e sua mãe começa a se desfazer, e isso representa o fim de uma era. É um momento de monismo inicial em que “bebê”, “mãe”, “eu”, “outro”, “necessidade”, “desejo”, “dentro” e “fora”, que ainda estão misturados, começam a finalmente se separar de forma mais clara.

Se estávamos trabalhando com ideia de desejo articulada à onipotência, ou seja, se estávamos pensando que a onipotência era essa impressão de “ter tudo que se quer, sem não ter mais nada a desejar” (Ferenczi, 1913/2011, p. 48), agora, com a entrada de insatisfações e desprazeres maiores, a criança precisa passar a articular as suas descargas motoras como traduções das suas necessidades. Ela precisa começar a se transformar nesses gestos mágicos, porque passa a existir uma alteridade, que é muito relutantemente percebida pelo bebê. Essa alteridade vai ser promotora das tão desejadas

satisfações. É lógico que, uma vez satisfeitas as suas necessidades, a criança pode retornar àquele paraíso perdido de um narcisismo que já estava abalado e, assim, continuar se sentindo onipotente.

Estamos falando aqui de uma coisa que é como um movimento que observamos nas crianças pequeninhas quando elas estão brincando no parquinho. Estou usando isso como exemplo, mas eu acho que serve para a gente pensar o que é esse movimento que progride/regride. A criança bem pequena sai de perto de sua mãe, se afasta, explora um pouco o mundo, olha para trás, vê sua mãe, às vezes, retorna a ela e, nesse retorno, busca de novo uma espécie de suporte, uma espécie de energia que a reabastece narcisicamente para poder avançar, para ir um pouco mais longe. Nesse momento do desenvolvimento em que a gente vê uma criança indo para longe, voltando, indo novamente e voltando; é nesse movimento de ir e voltar que ela vai se reabastecendo narcisicamente e consegue resgatar um pouco de sua onipotência e fazer movimentos mais ousados em direção a uma realidade e em relação a um mundo fora do seu controle mágico que, certamente, vai oferecer muitos atritos no contato.

Seguindo nas possibilidades do desenvolvimento, o que a gente tem, em termos de continuação, é esse momento das *palavras mágicas*. As palavras surgem num campo muito especial para Ferenczi. A linguagem tem um lugar muito particular na teoria ferencziana e é uma ideia, um desses outros *clusters*, para a qual precisamos olhar com bastante cuidado e acuidade, porque a ideia de linguagem de Ferenczi diverge um pouco do senso comum do que a gente estuda sobre linguagem na psicanálise, ou, ao menos, em alguma teorização da psicanálise. Sem entrar nesses detalhes, vamos dizer aqui que a palavra tem esse caráter mágico porque ela tem um potencial que é evocativo e também alucinatório. A palavra tem o poder de influenciar o adulto cuidador. Influenciar na possibilidade

de fazer esse adulto atender a uma enunciação da criança. A palavra, aqui, é algo que presentifica um objeto, transformando a realidade de acordo com os desejos. Isso é algo que Ferenczi vai deixar como uma pista para a gente, dizendo que “a linguagem é a imitação”. Percebam, aqui, como a palavra não está no lugar de uma falta, que palavra não é exatamente a falta da coisa. A linguagem é uma imitação daquela coisa, e, assim, a linguagem verbal é mais que a figura privilegiada de relação com a alteridade: ela é a forma mais eficiente que existe de influência do outro. Para concluir esta fala, que, na verdade, é um convite à leitura do texto, acho que, sinteticamente, a gente pode falar que, em termos do desenvolvimento de um órgão de realidade, a gente tem uma equação bastante complexa entre o peso das circunstâncias e o sentimento de onipotência. Ferenczi vai falar para a gente nesse texto que, “em contato com a realidade, se desenvolve uma série de sucessivos impulsos de recalçamento que, pela necessidade, pela frustração que exige adaptação, acontece não por tendência para a evolução espontânea” (Ferenczi, 1913/2011 p. 52). Ora, se não é por uma tendência espontânea à evolução – é claro, estamos falando, aqui, do desenvolvimento psíquico de um sujeito –, o que vai entrar em jogo é outra coisa. E essa outra coisa são as relações.

Ferenczi está sendo um psicanalista bastante relacional ao colocar a importância que um ambiente tem na equação do peso das circunstâncias e dos sentimentos de onipotência. O que temos aqui é que se torna impossível se livrar por completo daquilo que é prazeroso. Resta ao sujeito perceber que uma parcela desse desprazer é própria do seu psiquismo, e, então, ele se encontrará diante da complexa tarefa de pensar no que fazer com esse desprazer que lhe diz respeito.

Referências

- Ferenczi, S. (2011). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In S. Ferenczi, *Obras completas. Psicanálise II*. Martins Fontes. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 29-397). Imago. (Original publicado em 1895/1950).
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago.



Uma iniciativa original e muito bem-vinda a do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi: textos fundamentais e os mais diversos do psicanalista húngaro são lidos, apresentados e comentados por psicanalistas brasileiros atuantes na clínica e na transmissão da psicanálise atual. Isso é feito de forma extremamente vívida e criativa.

Originalmente foram falas bastante comunicativas levadas ao ar ao longo do ano de 2021; esse caráter coloquial, mas não por isso menos rigoroso nas análises dos textos, se mantém nos trabalhos reproduzidos neste volume.

O conjunto das falas é precedido por uma apresentação de Ferenczi feita por Daniel Kupermann, Jô Gondar e Eugênio Canesin Dal Molin, o primeiro episódio da série.

Trata-se de uma forma muito eficaz de contato com o pensamento teórico e clínico de um dos mais ousados e criativos nomes da história da psicanálise.

Luís Cláudio Figueiredo

Membro emérito do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-668-5



9 786555 066685



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Ferenczi

A arte da psicanálise

Rita Hentz, Denise Salomão Goldfajn,
Bartholomeu de Aguiar Vieira, Diane Viana, Renata Mello (Org.)

ISBN: 9786555066685

Páginas: 346

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
